

RESGATE DOS ESPAÇOS SEGREGADOS NA CONSTRUÇÃO SOCIO-ESPACIAL DO BAIRRO DO GRAJAÚ, RIO DE JANEIRO

Aluno: Ernesto Gomes Imbroisi*
Orientador: Álvaro Henrique de Souza Ferreira

Introdução

Gostaríamos de começar esse pequeno texto fazendo algumas considerações a respeito de questões pertinentes do nosso trabalho. Quando procuramos problematizar a dicotomia favela-“asfalto” dentro do contexto histórico-geográfico do bairro do Grajaú, é no intuito de resgatar o papel socio-espacial que grupos subalternos tem e sempre tiveram na construção espacial da cidade. A literatura e a academia incorporaram precariamente o pobre e o negro como sujeitos históricos dotados de uma geografia e de uma história específicas, por isso, busco principalmente através de CAMPOS [1] o papel das classes subalternas, discriminadas e criminalizadas da sociedade na formação espacial do Rio de Janeiro¹.

O Grajaú foi um bairro projetado nas três primeiras décadas do século XX para atender as camadas de classe média alta e classe alta da sociedade carioca, por isso seu aspecto espacial é diferenciado do restante da cidade como nos afirma LEITE [3]. É um lugar predominantemente residencial, ruas e calçadas largas, arborizadas e clima agradável. Essa configuração espacial peculiar foi devido à atuação do capital imobiliário [2] que procurou imprimir no espaço seu pacote de valores de uso no intuito de satisfazer as necessidades de consumo e produção, possibilitando a construção das representações existentes sobre o bairro, como: bairro-jardim, Urca sem praia, uma província, um bairro de elite, um bairro conservador, um bairro nobre ou um bairro familiar. Essas representações estão estritamente ligadas aos valores de uso criados nesse espaço, pois representam um estilo de vida, um *status* criado pelo capital no sentido de atender as exigências de reprodução de um determinado setor da sociedade e de garantir a reprodução e ampliação do capital.

Porém, essas representações incluem no processo de produção do espaço somente o branco e o burguês, ligados a classe dominante, mas excluem outros agentes sociais, como o negro, o pobre e o favelado. Neste sentido, procuro alcançar neste trabalho, o papel ativo e protagonista desses outros agentes, não os entendendo como meros coadjuvantes na formação socio-espacial do bairro.

Objetivo

O objetivo principal desta pesquisa é resgatar o papel dos espaços segregados (as favelas) e seus agentes sociais no processo de construção socio-espacial do bairro do Grajaú.

Metodologia

O Grajaú sempre foi mostrado como um bairro de elite e para a elite, mas desde que esse espaço começou a se formar a presença das favelas era uma realidade. LEITE [3] mostra em diversos relatos a convivência entre os moradores da favela e do asfalto. Na verdade, essa integração se dava através das relações de trabalho. Provavelmente, hoje em dia, essas

* Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) de Geografia. Endereço eletrônico: egigeo@yahoo.com.br

¹ Andreilino Campos em seu trabalho *Do Quilombo a Favela* procura resgatar e reconstruir o papel do negro e do pobre no ato de fazer a cidade, buscando contar a geografia e a história da cidade do Rio de Janeiro a partir desses sujeitos. No nosso trabalho não vamos nos deter nas questões étnico-raciais que o autor procura trazer, mas nos mostramos solidários com a sua preocupação.

relações de trabalho devam existir, mas como a partir da década de 1980 a criminalidade vinculada ao tráfico de drogas nas favelas do Grajaú aumentou muito, os “moradores do asfalto” procuram, de todas as maneiras, desvincular a imagem do Grajaú à das favelas, buscando manter a memória coletiva de um bairro nobre, de elite e conservador [3], entretanto, a cristalização dessas representações espaciais percebe o espaço geográfico como algo estático, unidimensional, homogêneo e fechado para o futuro. MASSEY [5] nos mostra que o espaço deve ser um produto de inter-relações, quer dizer, interações entre os agentes sociais de diversos segmentos e de interações transescalares, palco da multiplicidade, das diferenças, da possibilidade do outro ter voz e ação ativa devendo estar aberto para o futuro, para novas relações que ainda não foram efetivadas. Tendo esse conceito de espaço em mente, o pobre, o negro e o morador da favela é resgatado como produtor do espaço e da cidade, como nos mostra CAMPOS [1] quando analisa o papel dos quilombolas na expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro.

Algumas considerações

Portanto, numa sociedade capitalista a produção espacial é desigual mas, ao mesmo tempo, dependente. Não podemos separar e dicotomizar favela-asfalto, pois a história e a geografia desses espaços se deu e se dá através da unidade. As representações do Grajaú que restringem o bairro a uma imagem nobre e de elite reduz e apaga os verdadeiros conflitos e relações de dependência que se desenvolvem no espaço, “representações que simulam a vida e dissimulam as relações concretas” [4].

Referências Bibliográficas

- 1 - CAMPOS, A. **Do Quilombo a Favela: A Produção do “Espaço Criminalizado” no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 208p.
- 2 - CARDOSO, E. D. **O Capital Imobiliário e a expansão da Malha Urbana do Rio de Janeiro: Copacabana e Grajaú. RJ**. Rio de Janeiro, 1986. 182p. Dissertação de Mestrado – Instituto de Geociências, UFRJ.
- 3 - LEITE, M. P. Grajaú, memória e história: fronteiras fluidas e passagens. **Cadernos Metrópole**, n.5, 117-164, 2001.
- 4 - LUTFI, E. P.; SOCHACZEWSKI, S. & JAHNEL, T. C. As representações e o possível. In: MARTINS, José de Souza (org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. p. 87 – 97.
- 5 - MASSEY, D. Filosofia e Política da Espacialidade: Algumas Considerações. **Geographia**. Ano 6, n. 12. Rio de Janeiro. Dez. 2004.